

SCHOPENHAUER E O ESTATUTO DO CONHECER

1. Preliminares.

A presente nota inscreve-se numa fase de recolha de material e de estudos parcelares sobre um problema que muito nos interessa e se nos afigura essencial para o estabelecimento legítimo de uma ontologia: o das formas de contacto do homem com o real. Não se trata pròpriamente de uma investigação de teoria do conhecimento que vise apenas descrever o processo e as estruturas intervenientes no conhecer, mas de uma consideração do conhecimento em ordem à avaliação do carácter que inapelavelmente imprime ao contacto do homem com o real, sempre que este se verifique por seu intermédio. Esta diligência revela-se-nos indispensável para a compreensão do papel que ao entendimento cabe no *pensar*, encarado este não como um mero conhecer reduzido ao plano intelectualivo ou transcendental, mas como uma função totalizante em que o homem está presente com todo o seu ser.

Estes esclarecimentos parecem-nos oportunos para uma correcta apreciação do texto que passamos a submeter ao leitor, centrado imediatamente no pensamento de Schopenhauer.

Tanto o estudo da interpretação e superação de Kant que Schopenhauer procura levar a cabo como a «situação» deste tema no contexto geral da sua filosofia foram já por nós abordados noutra lugar¹, para além de estar fora do propósito desta nota apresentá-los agora aqui.

2. O conhecimento como representação. Sensação e intuição.

«Que é conhecimento? Antes do mais e essencialmente é *representação*. Que é *representação*? Um processo *fisiológico* muito complicado [que se opera] no cérebro de um animal e cujo resultado é a consciência de uma *imagem* pròpriamente aí [no cérebro]. Evidentemente, a relação de tal imagem com algo completamente distinto do animal em cujo cérebro se forma, só pode ser muito mediata. Esta é, porventura, a maneira mais simples e patente de fazer ver o *profundo abismo que separa o ideal do real*².

¹ Cf. *Schopenhauer e a fundamentação da ética*, Lisboa, 1970 (Tese não publicada).

² «Was ist Erkenntnis? Sie ist zunächst und wesentlich *Vorstellung*. Was ist *Vorstellung*? Ein sehr komplizierte *physiologischer* Vorgang im Gehirne eines Tieres, dessen Resultat das Bewusstsein eines *Bildes* ebendasselbst ist. Offenbar kann die Beziehung eines solchen Bildes

Conhecer é, portanto, representar numa imanência algo que implica uma relação remota e mais ou menos misteriosa a uma transcendência. Opera-se, assim, uma objectivação, isto é, um trânsito e uma referência das modificações ou notificações *sentidas* na periferia da nossa abertura para aquilo que se supõe e constitui como origem dessas alterações. O equilíbrio do recolhimento ou da concentração do sujeito sobre si é rompido por uma fuga, com o seu quê de hipostático, para uma exterioridade que nesse próprio escapar-se se instaura. Verifica-se, pois, uma *entificação* da impressão surgida na patência do estar aberto que ao sujeito pertence. É neste processo que vai surgir o «objecto». Ganha-se um recuo, um afastamento, através de um *pôr diante* que permite a consideração ou a tematização, o «conhecimento».

No entanto, o «objecto» vai exigir para o seu próprio aparecer *como tal* a interferência de outras instâncias que não as simplesmente sensoriais. «Com efeito, como é pobre a simples sensação! Mesmo nos mais nobres órgãos dos sentidos não é senão um sentimento local, específico, capaz de uma certa variação dentro da sua espécie, em si próprio, contudo, sempre subjectivo, que como tal não pode conter nada de objectivo, portanto nada de semelhante a uma intuição. Pois a sensação de qualquer espécie [que seja] é e permanece um acontecimento no próprio organismo, limitado como tal à região subcutânea e não pode, por conseguinte, em si mesmo, conter jamais algo que esteja para além da pele, portanto, fora de nós»³. Deste estádio meramente interno há que transitar a uma «causa», e a sensação devém, assim, imediata e inconscientemente, intuição. «Na intuição, o único dado realmente *empírico* é o nascimento de uma impressão no órgão sensível: a suposição de que esta [impressão], ainda que em geral, tenha de ter uma *causa*, baseia-se numa lei radicada na forma do nosso conhecer, isto é, na função do nosso cérebro, cuja origem, por conseguinte, é tão subjectiva como a própria impressão sensível. A *causa* que em virtude desta lei atribuímos à impressão representa-se-nos na intuição como um *objecto*, o qual tem por forma do seu aparecer o espaço e o tempo»⁴.

auf etwas von dem Tiere, in dessen Gehirn es dasteht, gänzlich Verschiedenes nur eine sehr mittelbare sein. Dies ist vielleicht die einfachste und fasslichste Art, die tiefe Kluft zwischen dem Idealen und Realen aufzudecken», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, Ergänzungen, 2. Buch, Kapitel 18; Sämtliche Werke, ed. von Löhneysen, 2.^a ed., Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1968, vol. II, p. 248.

³ «Denn was für ein ärmliches Ding ist doch die blossse Sinnesempfindung! Selbst in den edelsten Sinnesorganen ist sie nichts mehr als ein lokales, spezifisches, innerhalb seiner Art einiger Abwechslung fähiges, jedoch an sich selbst stets subjectives Gefühl, welches als solches gar nichts Objectives, also nichts einer Anschauung ähnliches enthalten kann. Denn die Empfindung jeder Art ist und bleibt ein Vorgang im Organismus selbst, als solcher aber auf das Gebiet unterhalb der Haut beschränkt, kann daher an sich selbst nie etwas enthalten, das jenseit dieser Haut, also ausser uns läge», SCHOPENHAUER, *Ueber die vierfache Wurzel des Satzes vom zureichenden Grunde*, Kap. 4, § 21; S.W., ed. von Löhneysen, vol. III, p. 68.

⁴ «Denn das einzige wirklich *empirisch* Gegebene bei der Anschauung ist der Eintritt einer Empfindung im Sinnesorgan: die Voraussetzung, dass diese, auch nur überhaupt, eine Ursache haben müsse, beruht auf einem im der Form unsers Erkennens, d. h. in den Funktionen unsers Gehirns wurzelnden Gesetz, dessen Ursprung daher ebenso subjectiv ist wie jene Sinnesempfindung selbst. Die infolge dieses Gesetzes zu der gegebenen Empfindung vorausgesetzte *Ursache* stellt sich alsbald in der Anschauung dar als *Objekt*, welches Raum und Zeit zur Form seines Erscheinens hat», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, Ergänzungen, 1. Buch, Kap. 1; S.W., ed. von Löhneysen, vol. II, p. 21.

O trânsito ao «objecto» opera-se, portanto, através de uma lei subjectiva e estrutural (e, como tal, inconsciente na realidade fáctica do seu actuar). O «abismo» entre a mera sensação e a intuição do mundo exterior só pode ser preenchido por meio de um princípio estatuinte de causalidade «que supõe para o seu emprego outras duas formas suas aliadas: o tempo e o espaço. Só se chega à representação *objectiva* por meio destas três formas associadas. (...). A *sensação* permanece sempre um *datum* para o entendimento, o único capaz de captá-la como o *efeito* de uma *causa* heterogénea que ele intui como uma exterioridade, isto é, [de uma causa] que ele inclui naquela forma *espaço*, inerente ao intelecto antes de toda a experiência, como algo que ocupa e enche essa [forma]»⁵. O «objecto» dá-se portanto ao conhecimento no seio de uma estrutura — onde se integram Espaço, Tempo e Causalidade — que o possibilita e determina liminarmente como aparência.

3. A intelectualidade da intuição.

Sendo assim, a intuição do mundo exterior não é apenas obra dos sentidos, é *já* um processo intelectual. A posição kantiana de que Schopenhauer inegavelmente parte, vai ter de ser submetida a correcções. Aliás, a aceitação da separação entre sensibilidade e entendimento foi crítica ou a-criticamente aceite por Kant, o que não deixou de lhe trazer sérias dificuldades quando se tratou novamente de estabelecer a ligação entre as estruturas a priori do entendimento e o termo da síntese sensível (vejam-se os problemas do «esque matismo»).

Contrariamente ao que Kant suporia, não se trata de afirmar que a causalidade é apreendida numa sensação, mas sim de procurar mostrar que o entendimento está já presente ao próprio nível da intuição⁶.

Schopenhauer pretende, com efeito, demonstrar que a própria intuição sensível só é possível pela intervenção da causalidade, que é da ordem do entendimento. «Na filosofia professoral dos professores de filosofia encontrar-se-á sempre que a intuição do mundo exterior é coisa dos sentidos; e sobre

⁵ «Welches aber zu seiner Anwendung die beiden andern ihm verwandten Formen, Raum und Zeit, voraussetzt. Allererst mittelst dieser drei im Verein kommt es zur *objektiven* Vorstellung. (...). Immer bleibt die *Empfindung* ein blosses *Datum* für den *Verstand*, welcher allein fähig ist, sie als *Wirkung* einer von ihr verschiedenen *Ursache* aufzufassen, die er nunmehr als ein Äusserliches anschaut, d. h. in die ebenfalls vor aller Erfahrung dem Intellekt einwohnende Form *Raum* versetzt als ein diesen Einnehmendes und Ausfüllendes», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, Ergänzungen, 1. Buch, Kap. 4; S. W., ed. von Löhneysen, vol. II, pp. 53 e 54.

⁶ Com efeito, Kant, partindo da «heterogeneidade» dos conceitos puros do entendimento e das intuições empíricas («ou mesmo em geral sensíveis» — «*ja überhaupt sinnlichem*»), pergunta: «Como é então possível a subsunção destas últimas sob os primeiros, portanto, a aplicação da categoria aos fenómenos, quando ninguém dirá: esta [categoria], *por exemplo*, a *causalidade* [o sublinhado é nosso] também pode ser intuída através dos sentidos e está encerrada nos fenómenos?» («Wie ist nun die Subsumtion der letzteren unter die erste, mithin die Anwendung der Kategorie auf Erscheinungen möglich, da doch niemand sagen wird: diese, z. B. die Kausalität, könne auch durch Sinne angeschaut werden und sei in der Erscheinung enthalten?»), KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, transzendental Analytik, 2. Buch, 1. Hauptstück: Von dem Schematismus der reinen Verstandesbegriffe; Akademie-Ausgabe, ed. B, vol. III, p. 134; ed. A, vol. IV, p. 99.

isto seguem-se longos e vastos [desenvolvimentos] acerca de cada um dos cinco sentidos. Pelo contrário, nunca se fala aí da intelectualidade da intuição, nomeadamente de que quanto ao essencial ela é obra do entendimento, o qual por meio da forma da causalidade que lhe é própria e da sensibilidade pura que lhe está subordinada, portanto, do tempo e do espaço, cria e produz, com efeito, em primeiro lugar, com a matéria bruta de algumas sensações dos órgãos dos sentidos, este mundo exterior objectivo»⁷.

Kant encara apenas a causalidade ao nível da sensação como relação do fenómeno com a coisa em si para criticar o «realismo transcendental», mas não a aplica à própria origem da intuição empírica⁸. Segundo Schopenhauer, a causalidade, mantendo-se todavia dentro dos estritos limites da idealidade, é, no entanto, chamada a desempenhar um papel originário e fundamental, dada a insuficiência dos sentidos (a sensação não passa da nossa própria modificação orgânica) para produzir a intuição objectiva das coisas. A coordenação causal, porque articulação de espaço e tempo, é, portanto, condição da própria intuição. «O que é determinado através da lei de causalidade não é, pois, a sucessão dos estados num tempo puro, mas essa sucessão [no tempo] em vista de um determinado espaço, nem a existência de estados num dado lugar, mas nesse lugar num tempo determinado. A mudança, isto é, a variação introduzida pela lei de causalidade, refere-se em cada caso a uma parte determinada do espaço e a uma parte determinada do tempo *simultaneamente* e em ligação. Por conseguinte, a causalidade põe em relação o tempo com o espaço»⁹.

Por outras palavras, a percepção do espaço e do tempo é sempre material. Quer isto dizer que não podemos representá-los intuitivamente sem uma matéria¹⁰. Ora, a matéria é causalidade. «A matéria é apenas o correlato objectivo do entendimento puro, ela é, com efeito, causalidade em geral e nada mais; assim como o entendimento não é senão o conhecimento imediato da causa e do efeito em geral e nada mais»¹¹. A causa-

⁷ «In der Professoren-Philosophie der Philosophie-Professoren wird man noch immer finden, dass die Anschauung der Aussenwelt Sache der Sinne sei; worauf dann ein langes und breites über jeden der fünf Sinne folgt. Hingegen die Intellektualität der Anschauung, nämlich dass sie in der Hauptsache das Werk des Verstandes sei, welcher mittelst der ihm eigentümlichen Form der Kausalität und der dieser untergelegten der reinen Sinnlichkeit, also Zeit und Raum, aus dem rohen Stoff einiger Empfindungen in den Sinnesorganen diese objektive Aussenwelt allererst schafft und hervorbringt, davon ist keine Rede», SCHOPENHAUER, *Ueber die vierfache Wurzel des Satzes vom zureichenden Grunde*, Kap. 5, § 31; S.W., ed. von Löhneysen, vol. III, p. 67.

⁸ Cf. KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, transzendente Dialektik, 2. Buch, 1. Hauptstück: Kritik des vierten Paralogisms der transzendentalen Psychologie; Akademie-Ausgabe, ed. A., vol. IV, pp. 230 e ss.

⁹ «Was durch das Gesetz der Kausalität bestimmt wird, ist also nicht die Sukzession der Zustände in der blossen Zeit, sondern diese Sukzession in Hinsicht auf einen bestimmten Ort, sondern am diesem Ort zu einer bestimmten Zeit. Die Veränderung, d. h. der nach dem Kausalgesetz eintretende Wechsel, betrifft also jedesmal einen bestimmten Teil des Raumes und einen bestimmten Teil der Zeit zugleich im Verein. Demzufolge vereinigt die Kausalität den Raum mit der Zeit», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, 1. Buch, § 4; S.W., ed. von Löhneysen, vol. I, p. 39.

¹⁰ Cf. SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, 1. Buch, § 4; S.W., ed. von Löhneysen, vol. I, p. 38.

¹¹ «Die Materie ist also nur das objektive Korrelat des reinen Verstandes, ist nämlich Kausalität überhaupt und sonst nichts; so wie dieser das unmittelbare Erkennen von Ursache

lidade encontra-se, pois, na raiz da própria intuição como fundamento da estrutura que a possibilita.

A dificuldade de nos apercebermos deste trabalho originário do entendimento reside em larga medida no facto do trânsito da sensação à causa (residual, matéria do conhecimento) ser em grande parte inconsciente, o que confere à percepção — sobretudo visual — a aparência de actos imediatos, consistindo unicamente na sensação sem qualquer obra do entendimento. Ora, as coisas não se passam desta maneira, e a prova disso é a demonstração que Schopenhauer dá da intelectualidade da percepção visual — «toda a intuição é uma [intuição] intelectual»¹² — ou o uso que faz das investigações de Franz, de Flourens e de outros¹³ sobre assuntos similares, recorrendo às informações que a ciência do tempo lhe podia fornecer.

4. O papel do corpo.

O entendimento objectiva, portanto, mas através de uma mediação e de um ponto de partida. É essa a tarefa a que é chamado o corpo, do ponto de vista do conhecimento.

O corpo é «o *objecto immediato* do sujeito: serve de meio para a intuição de todos os outros objectos»¹⁴. Isto é, é a partir do conhecimento imediato (não discursivo) das mudanças do corpo, possíveis em virtude de uma sensibilidade afectável, que o entendimento encontra uma base de aplicação para a sua projecção formal representativa.

Este carácter mediador do corpo é igualmente posto em relevo pela fenomenologia posterior que, dentro de um contexto substancialmente idêntico, dedicou a maior atenção ao papel que ele desempenha na constituição objectiva ou na concretização da relação ao mundo: «Visto por 'dentro' — em 'posição desde dentro' — ele aparece como o órgão (ou sistema daqueles órgãos) livremente móvel, por meio do qual o sujeito experiencia o mundo exterior; formando, além disso, como portador das impressões sensíveis, e graças à união destas com toda a vida anímica, uma unidade concreta com a alma»¹⁵. Na fenomenologia pós-husserliana sobressai neste capítulo Maurice

und Wirkung überhaupt und sonst nichts ist», SCHOPENHAUER, *Ueber die vierfache Wurzel des Satzes vom zureichenden Grunde*, Kap. 4, § 21; S.W., ed. von Löhneysen, vol. III, p. 104.

¹² «Alle Anschauung ist eine intellektuale», SCHOPENHAUER, *Ueber das Sehn und die Farben*. Kap. 1, § 1; S.W., ed. von Löhneysen, vol. III, p. 204. Além de todo o primeiro capítulo da obra citada, veja-se também: *Ueber die vierfache Wurzel des Satzes vom zureichenden Grunde*, Kap. 4, § 21; S.W., ed. von Löhneysen, vol. III, pp. 67 e ss. e *Die Welt als Wille und Vorstellung*, 1. Buch, § 4 e Ergänzungen, 1. Buch, Kap. 2; S.W., ed. von Löhneysen, respectivamente, vol. I, pp. 37 e ss. e vol. II, pp. 31 e ss. Trata-se de textos capitais sobre este assunto ainda que estruturados de uma outra maneira.

¹³ Cf. SCHOPENHAUER, *Ueber die vierfache Wurzel des Satzes vom zureichenden Grunde*, Kap. 4, § 21; S.W., ed. Löhneysen, vol. III, pp. 92-94.

¹⁴ «Die unmittelbare Objekt des Subjekts: die Anschauung aller andern Objekte ist durch ihn vermittelt», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, 1 Buch, § 4; S.W., ed. von Löhneysen, vol. I, p. 42.

¹⁵ «Von 'innen' her gesehen — in 'Inneneinstellung' — erscheint er als frei bewegliches Organ (bzw. als System solcher Organe) mittels dessen das Subjekt die Aussenwelt erfährt; ferner als Träger der Empfindungen und dank der Verflechtung, die sie mit dem gesamtem übrigen Seelenleben eingehen, als mit der Seele eine konkrete Einheit bildend», E. HUSSERL,

Merleau-Ponty que na sua *Fenomenologia da Percepção* dedica ao problema do corpo extensas e importantes análises. Ao examinar as relações do corpo com o sentir, afirma: «O meu corpo é a textura comum de todos os objectos e é, pelo menos em relação ao mundo percebido, o instrumento geral da minha 'compreensão'»¹⁶.

É, no entanto, necessário atender a que o sentir da instrumentalidade do corpo no que respeita à constituição de «objectos» não coincide com a percepção do corpo como objecto. Isto é, o corpo comporta-se face ao sujeito que conhece, por um lado, como possibilitante da constituição objectiva e, por outro, como termo pròpriamente de uma constituição.

Schopenhauer teve consciência desta duplicidade de planos através dos quais nos chegamos às notícias que temos do corpo:

«Por este conhecimento imediato do corpo que precede o emprego do entendimento e é mera impressão sensível, não se revela o corpo [*Leib*] pròpriamente como *objecto*, mas os corpos [*Körper*] que sobre ele actuam; porque todo o conhecimento de um objecto pròpriamente tal, isto é, uma representação intuitiva no espaço, só o é por e para o entendimento, por conseguinte, não antes, mas depois do seu emprego. Daqui que o corpo como objecto pròpriamente dito, isto é, como representação intuitiva no espaço, seja conhecido só mediatamente pela aplicação da lei de causalidade à acção de uma das suas partes sobre as outras, portanto, enquanto os olhos o vêem e as mãos o palpam. Por consequência, não conhecemos a forma do corpo pelo mero sensorio comum; mas só pelo conhecimento, só na representação; quer dizer, só no cérebro se nos representa o nosso pròprio corpo como algo extenso, articulado, orgânico»¹⁷.

5. O afinal conhecido no conhecer.

O conhecimento objectivo, enquanto constituinte de «objectos», processa-se, pois, através de uma referenciação das modificações sentidas no corpo sensível a algo de exterior.

Ideen II, Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution, § 42; Husserliana, vol. IV, M. Nijhoff, Haag, 1952, p. 161.

¹⁶ «Mon corps est la texture commune de tous les objets et il est, au moins à l'égard du monde perçu, l'instrument général de ma 'compréhension'», M. MERLEAU-PONTY, *Phénoménologie de la Perception*, II, I; Gallimard, Paris, 1945, p. 272.

Sobre o problema do corpo em geral veja-se toda a primeira parte da obra citada, intitulada justamente: «Le Corps», pp. 81 e ss.

¹⁷ «Durch diese unmittelbare Erkenntnis des Leibes, welche der Anwendung des Verstandes vorhergeht und bloss sinnliche Empfindung ist, steht der Leib selbst nicht eigentlich als *Objekt* da, sondern erst die auf ihn einwirkenden Körper; weil jede Erkenntnis eines eigentlichen Objekts, d. h. einer im Raum anschaulichen Vorstellung, nur durch und für der Verstand ist, also nicht vor, sondern erst nach dessen Anwendung. Daher wird der Leib als eigentliches Objekt, d. h. als anschauliche Vorstellung im Raum, eben wie alle andern Objekte erst mittelbar durch Anwendung des Gesetzes der Kausalität auf die Einwirkung eines seiner Teile auf den andern erkannt, also indem das Auge den Leib sieht, die Hand ihn betastet. Folglich wird durch das bloss Gemeingefühl die gestalt des eigenen Leibes uns nicht bekannt; sondern nur durch die Erkenntnis, nur in der Vorstellung, d. h. nur im Gehirn, stellt auch der eigene Leib allererst sich dar als ein Ausgedehntes, Gegliedertes, Organisches», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, 1. Buch, § 6; S.W., ed. von Löhneysen, vol. I, p. 53.

O conhecer envolve, assim, uma parte que ele próprio retém como, conhecido (muitas vezes, o simplesmente denominado da coisa) e algo de presente, mas desconhecido porque impenetrável: a «matéria», a opacidade, que origina a modificação periférica essencial ao arranque do próprio processo cognoscitivo. Esta é justamente o que no fenómeno está condicionado por espaço, tempo e causalidade, como meios indispensáveis para a sua representabilidade. O conhecimento é, no entanto, incapaz de penetrar a transcendência, apenas a «qualifica», e a isso chama propriamente conhecer.

«Cada conteúdo ao qual são acrescentadas [formas], todo o fenómeno que enche as ditas formas, contém já algo que não é completamente cognoscível no seu ser, que não se explica completamente por outra coisa, portanto algo sem fundamento pelo qual o conhecimento perde em evidência e em transparência»¹⁸. A riqueza do conhecimento, no que respeita a conteúdos originários, parece estar, pois na razão inversa da sua clareza ou «transparência» (*Durchsichtigkeit*) que, precisamente, obnubilam o efectivamente dado. Por outro lado, todavia, a ausência de clareza dificulta, quando não impossibilita a sua comunicação. A proximidade empírica dos dados materiais impede a tradução conceptual da coisa transcendente, justamente na medida em que na sua presencialidade ela está a ser vivida e não expressa, isto é, não está a ser objectivada (posta contra) como termo de uma descrição. A objectivação parece ser o preço da linguagem se a reduzirmos a comunicação verbal intelectual.

O conhecimento atinge, portanto, apenas uma roupagem exterior das coisas, acerca da qual um consenso estrutural se estabelece e permite a comunicação ou o geral entendimento. A consciência é, no fundo, apenas da esfera da existência de algo enquanto «para outrem», em que o objecto fica reduzido ao «como» do seu aparecer. «A existência que é condicionada por um cognoscente [um ser que conhece] é apenas a existência *no espaço*, a [existência] de um objecto extenso e activo; é só isto sempre o conhecido: uma existência *para outro*»¹⁹. O ser da coisa permanece de fora como um fundo desconhecido. O mais grave é que é nesse resíduo desconhecido que se encontra a explicação última das coisas, aquela que transcende a mera teia de relações projectadas sobre um dado que permite funcionalizar a coisa. «É para nós tão incompreensível que uma pedra caia ao solo como que um animal se mova (...). Que significam essas explicações que em último termo sempre se referem a uma incógnita que constitui um primeiro problema? (...). E é inexplicável porque [essa incógnita] carece de causa, porque é o conteúdo,

¹⁸ «Jeder Inhalt, den sie bekommen, jede Erscheinung, die jene Formem fült, enthält schon etwas nicht mehr vollständig seinem ganzen Wesen nach Erkennbares, nicht mehr durch ein anderes ganz und gar zu Erklärendes, also etwas Grundloses, wodurch sogleich die Erkenntnis an Evidenz verliert und die vollkommene Durchsichtigkeit einbüsst», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, 2. Buch, § 24; S.W., ed. von Löhneysen, vol. I, p. 184.

¹⁹ «Das Dasein, welches durch ein Erkennendes bedingt ist, ganz allein das Dasein *im Raum* und daher das eines Ausgedehnten und Wirkenden ist: dieses allein ist stets ein erkanntes folglich ein Dasein *für ein anderes*», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, *Ergänzungen*, 1. Buch, Kap. 1; S.W., ed. von Löhneysen, vol. II, p. 16.

o «quê» do fenómeno, que nunca pode ser reduzido à sua forma, ao como, ao princípio de razão»²⁰.

Acabamos de ver, portanto, que o conjunto do mundo da experiência tem como condições, por um lado, a consciência de um sujeito em geral, suposto necessário porque correlativo desse mesmo mundo — só há mundo para um sujeito que nele se orienta e só há sujeito quando orientando-se num mundo — e, por outro, as formas da intuição e da percepção. A primeira estabelece o quadro geral em que o conhecimento se dá, as segundas permitem, no fundo, definir o âmbito do cognoscível em geral, e o propriamente conhecido na particularidade dos casos. «Todo o *objecto*, isto é, a realidade empírica em geral [— a realidade do objecto é precisamente a sua objectualidade —] está duplamente condicionada pelo *sujeito*: em primeiro lugar, *materialmente*, ou como *objecto* em geral, porque uma existência objectiva só se concebe em relação com um sujeito e como representação deste; em segundo lugar, *formalmente*, porque a *condição* e a *maneira* de existência de um objecto, isto é, do ser representado (espaço, tempo e causalidade) deriva do sujeito, está predeterminada no sujeito»²¹.

Isto é, o conhecido no conhecer pelo sujeito é a forma que reveste nele a síntese operada entre as afecções que ele sente sob a figura de modificações periféricas e as «categorias» que lhe permitem criar um mundo de orientação significativa onde o «material» ou «opaco em si», origem da modificação primária, pode finalmente ganhar inteligibilidade. Como Kant já havia dito: a representação encerra apenas «a manifestação de algo e a maneira como somos afectados por ele»²².

Ora, todos estes elementos formais, estruturais e estruturantes, desfiguram, deformam, o ser próprio das coisas que o conhecer objectiva. «Com efeito, a nossa intuição e, por conseguinte, toda a nossa apreensão empírica das coisas representadas, está condicionada essencialmente e em geral pela nossa faculdade de conhecimento e suas formas e funções; deste modo, não pode senão acontecer que as coisas se apresentam de uma maneira completamente diferente do seu próprio ser»²³. Sendo assim, o resultado radical

²⁰ «Es ist uns ebenso unerklärlich, dass ein Stein zur Erde fällt als dass ein Tier sich bewegt. (...) Was helfen Erklärungen, die zuletzt auf ein ebenso Unbekanntes, als das erste Problem war, zurückführen? (...) Unergründlich weil es grundlos, weil es der Inhalt, das Was der Erscheinung ist, das nie auf ihre Form, auf das Wie, auf dem Satz vom Grunde, zurückgeführt werden kann», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, 2. Buch, § 24; S.W., ed. von Löhneysen, vol. I, p. 189.

²¹ «Alles Objekt, also das empirisch Reale überhaupt, durch das Subjekt zwiefach bedingt ist: erstlich *materiell* oder als *Objekt* überhaupt, weil ein objektives Dasein nur einem Subjekt gegenüber und als dessen Vorstellung denkbar ist; zweitens *formell*, indem die *Art und Weise* der Existenz des Objekts, d. h. des Vorgestelltwerdens (Raum, Zeit, Kausalität) vom Subjekt ausgeht, im Subjekt prädisponiert ist», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, Ergänzungen, 1. Buch, Kap. 1; S.W., ed. von Löhneysen, vol. II, p. 17.

²² «...die Erscheinung von etwas und die Art wie wir dadurch affiziert werden», KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, transzendente Ästhetik, 2. Abschnitt, § 8; Akademie-Ausgabe, ed. B, vol. III, p. 66, ed. A, vol. IV, p. 43.

²³ «Denn wenn schon unsere Anschauung, mithin die ganze empirische Auffassung der sich uns darstellenden Dinge wesentlich und hauptsächlich durch unser Erkenntnisvermögen

a que a filosofia aspira, não se contenta, de modo algum, com um quedar-se neste nível de relação com o real incapaz, porque impossível, de atingir o cerne das coisas, por um lado, deformador das mesmas naquilo que delas apura, por outro. E o remédio não está num aperfeiçoamento do conhecimento ou dos seus meios de análise. Como afirma Schopenhauer: «[A dificuldade] não está na imperfeição do nosso conhecimento das coisas, mas na essência do próprio conhecer»²⁴.

A via do conhecimento deixa-nos, assim, fora das coisas, «objectiva», move-se na exterioridade, chega, por vezes, a assumir aspectos de convenção ou consenso (poderia tratar-se a partir daqui toda uma problemática em torno a «conhecimento e cultura» que seria do maior interesse no sentido de mostrar o destino histórico e, correlativa e necessariamente, cultural do homem). «O propósito de chegar ao *ser em si* das coisas é inalcançável pela via do mero conhecimento e representação, porque esta chega sempre às coisas de fora e, portanto, tem sempre de permanecer fora [delas]»²⁵.

6. Conclusão.

Acabamos de ver, portanto, quais os pontos capitais da análise que Schopenhauer faz do conhecimento. Em relação aos nossos objectivos, tanto poderíamos ter encarado este problema neste autor, como em Kant ou em Nietzsche, cuja doutrina da «interpretação», aliás, encontra aqui os seus fundamentos.

O que nos importa verdadeiramente é fazer ressaltar, por um lado: o estatuto do conhecer representativo, cujas limitações (bem como as virtudes — possibilidade de comunicação, «rigor», etc.) provêm da sua própria estrutura e o identificam essencialmente como «objectivador», incapaz, portanto, de nos dar outras realidades que não sejam objectos, uma vez que, mesmo que fale delas só o pode fazer objectivando-as; por outro: a necessidade, para a ontologia, de não se reduzir a esta forma de contacto com a realidade.

Com efeito, a ontologia é essencialmente tarefa de uma subjectividade que pergunta pelo *ser*, nomeadamente *pelo seu ser* que, esse, de modo algum, tem por essência a «objectividade». Como aliás muito bem nota Schopenhauer, o conhecer funda-se em todo um solo em que é incapaz de penetrar cognosci-

bestimmt und durch dessen Formen und Funktionen bedingt ist; so kann es nicht anders ausfallen, als dass die Dinge auf eine von ihrem selbst-eigenen Wesen ganz verschiedene Weise sich darstellen», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, Ergänzungen, 2. Buch, Kap. 18; S. W. ed. von Löhneysen, vol. II, p. 252.

²⁴ «Es liegt also nicht am Mangelhaften unserer Bekanntschaft mit den Dingen, sondern am Wesen des Erkennens selbst», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, Ergänzungen, 2. Buch, Kap. 18; S. W., ed. von Löhneysen, vol. II, p. 252.

²⁵ «Die Absicht, das Wesen an sich der Dinge zu erfassen, schlechthin unerreichbar ist auf dem Wege der blossen Erkenntnis und Vorstellung: weil diese stets von aussen zu den Dingen kommt und daher ewig draussen bleiben muss», SCHOPENHAUER, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, Ergänzungen, 1. Buch, Kap. 1; S. W., ed. von Löhneysen, vol. II, p. 22.

tivamente; o seu carácter não é, pois, verdadeiramente original. Ora o *ser* é verdadeiramente o original e originário.

«O fundamento e o solo em que os nossos conhecimentos e ciências repousam é o inexplicável»²⁶.

Résumé

La présente note a pour but de montrer, à propos de l'analyse du thème de la connaissance chez Schopenhauer, le besoin où l'on est de transcender ce niveau même du connaître représentatif pour pouvoir vraiment fonder une ontologie. En effet, ne nous donnant que des «objets», la connaissance transcendente ne nous met en rapport qu'avec une région limitée du réel, laissant de côté, comme in-connus, soit le propre fondement matériel du connaître, soit la réalité qui se donne sous le mode de la «subjectivité».

JOSÉ BARATA-MOURA

²⁶ «Der Grund und Boden, auf dem alle unsere Erkenntnisse und Wissenschaften ruhen, ist das Unerklärliche», SCHOPENHAUER, *Parerga und Paralipomena*, II: Paralipomena, Kap. 1: Ueber Philosophie und ihre Methode, § 1; S.W., ed. von Löhneysen, vol. V, p. 9.